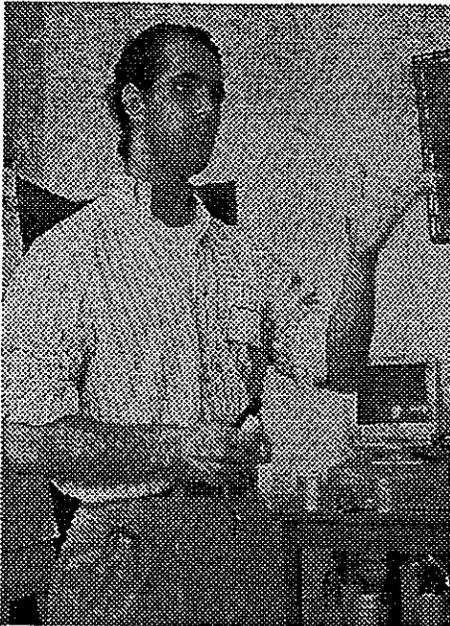




A negociação vista por um especialista

Conflito não é só violência

Conflito sempre foi problema", diz Horácio Falcão, "mas como ele, não haveria algo melhor para estimular o desenvolvimento das pessoas." Infelizmente, ele registra em África um conceito diferente. "aqui o conflito acaba sempre em violencia". Com 27 anos e advogado brasileiro, Horacio fala conosco nesta edição. Ele ajuda pessoas e instituições a chegar a entendimento pela colaboração negociada nos Estados Unidos e América Latina.



Consenso. Como a colaboração negociada é aplicável às sociedades africanas em abertura democrática e econômica?

Horácio Falcão. As democracias emergentes africanas, até onde sei, ainda não tiveram experiência suficiente para entender que o conflito pode ser uma coisa necessária. A diferença de ideias, de cultura e educação, até de raça ou tribo são coisas importantes. No entanto, muitas vezes é difícil alguém trabalhar essas diferenças. O comportamento colaborativo é exatamente a maneira pela qual uma democracia pode tentar trabalhar essas diferenças de forma produtiva. Um aspecto de uma cultura dentro de um país não tem que se sobrepôr ao aspecto de outra.

C. Como acha que tem sido a negociação em África?

H.F. Talvez por falta dum maior conhecimento como colaborar, muitas vezes as sociedades africanas tentam resolver os seus problemas de forma adversarial, ou seja, em forma de disputa e muitas vezes com o uso da violência. Conflito não é necessariamente violência. Conflito pode ser resolvido por meios pacíficos. Violência é uma das opções em que podemos tentar resolver o conflito. Geralmente, é das opções que trazem piores resultados.

Pesquisas provam que colaboração resultante de negociação trás melhores resultados.

C. O que lhe parece o caso de Angola?

H.F. Parece-me que o comportamento colaborativo deveria ser tentado. Possivelmente, as lideranças e os liderados teriam essa mentalidade e acreditassem que colaborando poderiam conseguir mais. Eu acredito que esta mentalidade não esteja presente no país neste momento.

C. Porquê?

H.F. Porque realmente não é uma mentalidade natural. Se a gente analisar a História de qualquer país, o primeiro comportamento geralmente é adversarial. É de combate. Essa nova filosofia de colaboração é algo que precisa ser ensinada. As pessoas precisam ver para crer. Elas precisam exemplos de que a colaboração pode funcionar; elas precisam ser ensinadas para que possam largar o seu antigo modelo de confrontação e adiram a colaboração. O que se precisa em Angola é talvez educação sobre colaboração.

C. Depois dos vários processos de negociações para paz em Angola, houve sempre retorno à guerra. Onde estará o problema?

H.F. Eu não conheço muito a realidade política angolana. Mas, do ponto de vista negociado, talvez os pactos não tenham satisfeitos os interesses, as vontades, os desejos, as necessidades das partes envolvidas. Ou seja, o pacto de paz, provavelmente, foi um documento que não levou em consideração todos os interesses em jogo, não tendo sido, se calhar, capaz de responder a esses interesses de forma satisfatória. Dessa maneira, das partes que o firmaram, alguém provavelmente com insatisfação pelo documento, decide ir buscar a satisfação dos seus interesses por outras vias, que infelizmente me parece ser a guerra.

C. O que pode ser feito?

H.F. Tentar encontrar claramente os interesses em disputa e depois achar as melhores soluções, as opções mais criativas para que todos os grupos possam, duma ou doutra forma, ter esses interesses satisfeitos, buscando, através

da colaboração, uma solução de que todos possam ganhar.

C. Mas isso envolveria um novo processo negociado, o que não existe de momento.

H.F. Falei hipoteticamente onde se pode conversar. Não havendo diálogo, está fora de minha área de conhecimento, que é a negociação. Ainda que não haja uma negociação para paz aberta e completa, é interessante um canal de comunicação para que pelo menos as pessoas tenham possibilidade, dentro dum conflito como é o de Angola, se comunicar, vendo quando as situações mudam e se aproximam ao panorama onde possa ser novamente interessante uma negociação.

C. O que diz os esforços de aproximação das lideranças ao interesse de paz e estabilidade do povo que elas representam?

H.F. Quando as lideranças estão na disputa pelo poder, elas têm algum interesse legítimo de fazê-lo. Não sei se não correspondem os interesses populares. O povo teria voz quando dialogasse com seus líderes. Ambos os lados poderiam assegurar que estão colaborando para um fim comum. Se este fim é a guerra, todos concordam com a guerra; se for a paz, que seja a paz; se existe discórdia, vamos negociar para ver o que é preciso fazer. O caminho é a comunicação. Não é a crítica e a briga de rua. O povo devia, através dos seus representantes, negociar com líderes oficiais e extra-oficiais aos seus interesses.

C. Com a violência e tensões sociais que se agravam, como vê o futuro das pessoas neste país?

H.F. Em todos os conflitos mundiais só houve solução quando se sentou à mesa negociada. Aquelles conflitos que optaram pela não negociação séria são os que perduram até hoje. Não posso fazer um paralelo quanto a Angola. Hoje os conflitos terminam por meio da colaboração e entendimento. São muito poucos, ou talvez nenhum, os exemplos de conflitos modernos com solução porque um venceu o outro militarmente.